

A VELHA CASA DA RUA OUVIDOR FREIRE

Antônio d'Almeida e Silva Freire da Fonseca foi um importante ator na elevação do arraial do Capim Mimoso a Vila Franca do Imperador. Foram mais de três anos aguardando que ele, que era o Ouvidor da Coroa e Corregedor da Comarca de Itu se dignasse viajar de onde vivia até esse lugarejo perdido no fim de mundo para fazer isso em 28 de novembro de 1824. O ouvidor tinha boas desculpas para enrolar, afinal era uma viagem de semanas em lombo de burro sob chuva e sol, a mercê de toda sorte de imprevistos.

Seu prêmio foi virar nome de rua central da cidade. Por mais de cem anos, a rua se limitou entre a Voluntário José Rufino (bloqueada pela voçoroca do Pestalozzi) e a Simão Caleiro, impedida pelo estádio da Francana erigido no início nos anos 1920 e depois pelo Asilo São Vicente. Em 1957, a gleba abaixo do campo da Francana e do cemitério da Saudade foi loteada, virou o Jardim Consolação. No ano seguinte, meu pai adquiriu um dos lotes na rua que seria o prolongamento da Ouvidor Freire (não me pergunte porque virou apenas Ouvidor Freire e não Ouvidor Fonseca ou Silva) conforme previa seu planejamento. No futuro, as duas partes da rua deveriam ser interligadas, tanto que a numeração implantada em 1969 no governo de Lancha Filho após a elaboração do Plano Diretor começou do córrego do Cubatão em direção ao centro, mas isso nunca aconteceu.

Em 1976, recém formado em arquitetura e resolvido a casar, meu pai cedeu-me o lote de 288 m² na Ouvidor Freire para construir uma casa para a nova família. Naquela época, a rua ainda não era pavimentada, mas a praça João Palermo defronte o lote já existia, construída pelo prefeito Hélio Palermo em 1967. A praça tinha jardineiro e vigia da Prefeitura até dez da noite. Começando a vida profissional, a grana era curtíssima e não mudou muito até hoje. Tinha visto em revistas os projetos das casas do arquiteto Ruy Ohtake com dormitórios diminutos e grandes salões (a casa-praça) para receber amigos e conviver coletivamente. A vontade de fazer algo do gênero existia, só não tinha o talento e os recursos de Ohtake. Pior, só tinha dinheiro para construir algo em torno de 70 m², pouco mais que o tamanho de uma casa popular na época. Fui desenhando e mostrando para Atalie até chegar ao possível. Uma sala grande integrada à copa-cozinha, um único dormitório com banheiro, um lavabo e uma pequena área de serviço. A garage era descoberta. Projetei pensando na possibilidade de expansão quando os filhos viessem, não havia dinheiro pra fazer naquele momento. A obra iniciou em março de 1976 e se arrastou ano todo com a dificuldade da grana.

Em fevereiro de 1977, ao retornar da viagem em lua de mel e após uma faxina coletiva famosa por ter uma doutora em medicina pilotando a vassoura, nos mudamos para a casa ainda não concluída. A porta de vidro temperado da Blindex na sala, que abria para um jardim que ocupava os 9 metros de recuo da rua com visual integrado ao arvoredo da praça não chegou em tempo, tinha que vir de Ribeirão Preto. Moramos mais de um mês com tábuas fechando o vão da porta, algo impensável hoje. Quando os filhos vieram ampliamos com novos dormitórios. A rua foi pavimentada até o viaduto sobre o córrego do Cubatão para onde a cidade cresceu e virou uma rua fundamental para o trânsito de quem vai para a zona sul da cidade. A vizinhança mudou por completo com muito trânsito, comércio e edifícios altos.

A vida transcorreu na casa que envelheceu como nós, com muito amor, trabalho, alegrias, tristezas, perdas cada vez maiores, tombos sucessivos e levantando a poeira. Nossos pais se foram, os filhos vieram (e foram embora), os netos também. A praça e as árvores (inclusive a que plantamos defronte nossa casa) estão firmes, embora a manutenção da Prefeitura tenha entrado em colapso. Não existe mais vigilância noturna, as luzes estragam e leva meses para consertar, agora mesmo estão desligadas, um breu só. Os jardins de flores desapareceram, só restaram as árvores que, quando morrem, não são substituídas. O piso de pedras portuguesas só vai estragando. A escultura do Rodolfo Chiaverini sobrevive num canto sem que as pessoas saibam seu significado. Meses atrás,

a Prefeitura entregou a “manutenção” para uma empresa que “adotou” a praça, colocou placas de publicidade e mais nada, a sujeira e abandono ficaram pior que quando a Prefeitura “cuidava”. Agora a Prefeitura retomou a limpeza. Mas como diria o escritor Marcelo Rubens Paiva, “ainda estamos aqui” na casa da rua Ouvidor Freire.

Mauro Ferreira é arquiteto